

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 3

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

 **Editora**
Atena

Ano 2018

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 3.287 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-13-0 DOI 10.22533/at.ed.130181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea lança luzes às diferentes reflexões que compõem os trabalhos dos mais diferentes autores/ pesquisadores que objetivam trazer para o público leitor as múltiplas maneiras e linguagens em que o trabalho com as modalidades comunicativas se inserem. Além disso, o desafio de democratizar as metodologias e as ponderações por seus autores revelam as peculiaridades com que cada um apresenta suas objeções estabelecendo conexões entre as reflexões.

Todos os dezenove trabalhos que desenham uma cartografia robusta à luz dos múltiplos conhecimentos estão inseridos em diferentes correntes e fundamentos epistemológicos, reafirmando que as Ciências da Linguagem tomam rumos diferenciados e se realizam na experiência dos sujeitos, que ora são leitores do próprio enunciado, ora são produtores do discurso.

As ações de ler, escrever, refletir e produzir aproximam as interlocuções dos trabalhos que compõem este volume, justificando que a tensa e robusta cartografia de ideias e objetivações estabelecem à obra uma qualidade diversificada. São diferentes autores que aceitaram o desafio de mostrar aos muitos interlocutores, que lerão estes trabalhos, a justificativa de demonstrar como cada um constrói, reconstrói e estabelece o caminho capaz direcioná-lo na descoberta de novas acepções da linguagem.

Não muito diferente dos objetivos inseridos em cada trabalho é a identidade que esta coletânea recebe. Comungamos do mesmo ideal de que o objetivo deste volume é revelar aos diferentes leitores e pesquisadores como o conhecimento realiza-se mediante a utilização de construção cartográfica dos múltiplos saberes que podem ser construídos no fazer e no compreender a relação da linguagem com seus sujeitos e contextos.

O cruzamento dos muitos discursos que se encontram nesta coletânea expressa nitidamente como fundamentação essencial à ampliação do processo de formação linguística e letramento de seus autores e leitores, a partir dos quatro temas capazes de estruturar o que os interlocutores encontrarão na obra: *leitura, escrita, reflexão e metodologia*.

Os objetivos que dão forma e identidade à coletânea são provenientes de diferentes contextos de utilização e práticas de trabalho com a linguagem e, nessa concepção, os autores/pesquisadores compreendem que todo e qualquer trabalho de valorização da linguagem e suas variações perpassa pela diversidade de conhecimentos na constituição de programas capazes de lançar luzes às etapas do saber.

A noção de diferença entre as reflexões não torna a coletânea um percurso incompreensível do ponto de vista reflexivo, mas, pontua a necessidade de enxergar como a linguagem efetiva-se nas diferentes teorias e práticas defendidas e apresentadas pelos autores. Sendo assim, os dezenove trabalhos que dão forma e sentido a este volume propõem um convite à leitura e aos debates dos textos servindo como acesso aos leitores de outras reflexões no estabelecimento de uma “ponte dialógica” entre

sujeito e conhecimento.

Ivan Vale de Sousa desenvolve no primeiro capítulo a discussão sobre textualidades e o ensino de gêneros textuais no contexto da educação básica, trazendo para o leitor um recorte de suas práticas de trabalho com a linguagem, além de promover frutíferas reflexões partindo de um contexto estabelecido de produção e compreensão de trabalho linguístico com o texto. No segundo capítulo, Artemio Ferreira Gomes e Marcos Antônio Fernandes dos Santos revelam as funções da leitura, escrita e criticidade tendo como *corpus* os textos de acadêmicos de um curso da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de São João dos Patos.

Tiago da Costa Barros Macedo, no terceiro capítulo, apresenta uma proposta didática para o trabalho com a produção escrita de gêneros textuais em língua inglesa no Ensino Médio. O quarto capítulo de Aline Batista Rodrigues e Rosinélio Rodrigues da Trindade lançam reflexões acerca da dimensão discursivo-argumentativa das repetições como estratégias referenciais no gênero *redação escolar*, propondo formas de repensar o texto e seu processo de realização.

No quinto capítulo, Alyson Bueno Francisco apresenta as análises de professores-tutores e cursistas no Programa Rede São Paulo de Formação Docente a partir de um viés teórico-investigativo. Não muito diferente da proposta anterior são as reflexões propostas por Elisiane Araújo dos Santos Frazão e Veraluce da Silva Lima, no sexto capítulo, que investigam a conversação na *web* a partir da interface *Facebook*.

Eliana Pereira de Carvalho no sétimo capítulo traz a discussão de uma das obras do escritor Mia Couto em que a questão da temporalidade é discutida no romance estudado. No oitavo capítulo, Iliane Tecchio e Tairine Maia Silva pontuam as metamorfoses sofridas pelo vampiro em filmes a partir da obra do escritor irlandês Bram Stoker. Já as observações inseridas no nono capítulo de Paloma Veras Pereira e José Dino Costa Cavalcante utilizam-se da análise de um romance do escritor José do Nascimento Morais, a partir de um olhar acerca dos excluídos na cidade de São Luís, estado do Maranhão.

No décimo capítulo, Everton Luís Teixeira e Sílvio Holanda navegam reflexivamente nas páginas de Guimarães Rosa e Eric Hobsbawn, direcionando os olhares ao confronto de visões às questões da Segunda Guerra Mundial, analisadas na ótica da leitura histórica e da ficção rosiana. No décimo primeiro capítulo, Natália Tano Portela e Rauer Ribeiro Rodrigues realizam um estudo comparativo entre um dos contos de Clarice Lispector e Alciene Ribeiro, discutem as possíveis aproximações em ambas as narrativas. O décimo segundo capítulo, Dhyovana Guerra e Thaluana Rafael Debarba Baumbach analisam bibliográfica e historicamente as relações de poder estabelecidas pelo período emancipatório de Cascavel, Paraná.

Anísio Batista Pereira, no décimo terceiro capítulo, investiga a memória discursiva nas manifestações sociais ocorridas em 28 de abril de 2017 e problematiza os efeitos de sentido produzidos a partir do entrelaçamento entre o passado e o presente materializados nos discursos. No décimo quarto capítulo, Guilherme Griesang propõe

reconstruir a historiografia a partir da memória bibliográfica sobre a ditadura na Argentina sob o viés de revisitação dos discursos.

O décimo quinto capítulo, Pamela Tais Clein analisa e aproxima o diálogo entre a literatura e o cinema no ensino de língua portuguesa tendo em vista a participação de alunos do terceiro ano do ensino médio, como experiência do Projeto Pibid. No décimo sexto capítulo, Marília Crispi de Moraes discute e analisa experiências de promoção e democratização do acesso à leitura, bem como de fomento à produção literária de grupos excluídos como forma de empoderamento e estímulo ao protagonismo social.

Ezequias da Silva Santos, no décimo sétimo capítulo, traz uma análise entre dois romances, estudando a construção das narrativas e a metaficção em uma perspectiva Neobarroca, como constituição literária das obras analisadas que são reveladas na identidade do texto e durante seu desenvolvimento. No décimo oitavo capítulo, Mariana Pinter Chaves e Ida Lucia Machado estudam e analisam as identidades das personagens na constituição da cena, respaldando-se em alguns estudiosos. E, por fim, no décimo nono capítulo deste livro, Claudia Regina Porto Buzatti aborda como centralidade a inserção da mulher com deficiência visual por meio da escrita, utilizando como *corpus* as modalidades escritas em caracteres braile e em tinta da escritora Elizete Lisboa.

Esperamos que todos os dezenove trabalhos propiciem outras reflexões e inspirem novos conhecimentos na concepção de novos leitores capazes de enxergar em cada texto uma trilha para o desenvolvimento de saberes. Sendo assim, resta-nos desejar aos interlocutores desta coletânea boas reflexões.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TEXTUALIDADES E GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
CAPÍTULO 2	17
LEITURA, ESCRITA E CRITICIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ACADÊMICOS DO 6º PERÍODO DE LETRAS DA UEMA/CESJOP	
<i>Artemio Ferreira Gomes</i>	
<i>Marcos Antônio Fernandes dos Santos</i>	
CAPÍTULO 3	27
PRODUÇÃO ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO DAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS DE ABORDAGEM LEXICAL E APRENDIZAGEM BASEADA EM TAREFAS	
<i>Tiago da Costa Barros Macedo</i>	
CAPÍTULO 4	40
A DIMENSÃO DISCURSIVA-ARGUMENTATIVA DAS REPETIÇÕES COMO ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS NO GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR: UM OUTRO PENSAR SOBRE O TRABALHO COM TEXTOS	
<i>Aline Batista Rodrigues</i>	
<i>Rosinélio Rodrigues da Trindade</i>	
CAPÍTULO 5	53
A LINGUAGEM ENTRE TUTOR-CURSISTA EM CURSO SEMIPRESENCIAL DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
<i>Alyson Bueno Francisco</i>	
CAPÍTULO 6	64
CONVERSAÇÃO NA WEB: UM ESTUDO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS EM USO NO FACEBOOK	
<i>Elisiane Araújo dos Santos Frazão</i>	
<i>Eraluce da Silva Lima</i>	
CAPÍTULO 7	77
ENTRE FRONTEIRAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DA EMPRESA COLONIAL PORTUGUESA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO HÍBRIDO EM VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO	
<i>Eliana Pereira de Carvalho</i>	
CAPÍTULO 8	89
DRÁCULA DE BRAM STOKER: O PROTAGONISTA IMORTAL	
<i>Iliane Tecchio</i>	
<i>Tairine Maia Silva</i>	
CAPÍTULO 9	98
UMA SÃO LUÍS DE EXCLUSÕES: UM OLHAR SOBRE OS MARGINALIZADOS NO ROMANCE VENCIDOS E DEGENERADOS	
<i>Paloma Veras Pereira</i>	
<i>José Dino Costa Cavalcante</i>	
CAPÍTULO 10	113
“NESTES MOMENTOS LÚGUBRES DE ONTEM”: LITERATURA E HISTÓRIA NAS PÁGINAS DE GUIMARÃES ROSA E NAS DE ERIC HOBSBAWM	
<i>Everton Luís Teixeira</i>	

CAPÍTULO 11	124
DESTINO DE MULHER EM CLARICE LISPECTOR E ALCIENE RIBEIRO <i>Natália Tano Portela</i> <i>Rauer Ribeiro Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 12	134
ENTRE CASCAVÉIS E JAGUNÇOS: AS RELAÇÕES DE PODER ESTABELECIDAS NO PERÍODO EMANCIPATÓRIO DA CIDADE DE CASCAVEL – PR <i>Dhyovana Guerra</i> <i>Thaluan Rafael Debarba Baumbach</i>	
CAPÍTULO 13	144
EFEITOS DE MEMÓRIA DISCURSIVA NAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE 28 DE ABRIL DE 2017: ANÁLISE DE IMAGENS DISPONÍVEIS NA INTERNET <i>Anísio Batista Pereira</i>	
CAPÍTULO 14	159
DITADURA NA ARGENTINA: A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO POR UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA <i>Guilherme Griesang</i>	
CAPÍTULO 15	167
A LITERATURA E O CINEMA: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA <i>Pamela Tais Clein</i>	
CAPÍTULO 16	178
OS PONTOS DE CULTURA E A PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO: LEITURA E PRODUÇÃO LITERÁRIA COMO ALAVANCAS DE PROTAGONISMO SOCIAL <i>Marília Crispi de Moraes</i>	
CAPÍTULO 17	196
OS DETETIVES DE PAPEL E OS DETETIVES EM CARNE E OSSO: A LINGUAGEM NEOBARROCA EM OS DETETIVES SELVAGENS E E NO MEIO DO MUNDO PROSTITUTO SÓ AMORES GUARDEI AO MEU CHARUTO <i>Ezequias da Silva Santos</i>	
CAPÍTULO 18	208
NARRATIVAS DE VIDA EM CENA: UM ESTUDO SEMIOCÊNICO DAS IDENTIDADES DE PERSONAGENS-ATRIZES NO TEATRO DOCUMENTÁRIO <i>Mariana Pinter Chaves</i> <i>Ida Lúcia Machado</i>	
CAPÍTULO 19	221
ELIZETE LISBOA: A INSERÇÃO DA MULHER COM DEFICIÊNCIA VISUAL ATRAVÉS DA ESCRITA <i>Claudia Regina Porto Buzatti</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR	231

OS DETETIVES DE PAPEL E OS DETETIVES EM CARNE E OSSO: A LINGUAGEM NEOBARROCA EM OS DETETIVES SELVAGENS E E NO MEIO DO MUNDO PROSTITUTO SÓ AMORES GUARDEI AO MEU CHARUTO

Ezequias da Silva Santos
(UTFPR)
Pato Branco - Paraná¹

RESUMO: A proposta deste estudo é fazer uma análise comparativa entre os romances *Os Detetives Selvagens*, de Roberto Bolaño, e *E do Meio do Mundo Prostituto só Amores Guardei ao meu Charuto*, de Rubens Fonseca. Partindo da premissa de que os romances pós-modernos tendem ao narrador em primeira pessoa, a análise pretende aproximar os dois romances no que diz respeito à linguagem e à forma de fazer literatura. Por essa linha de raciocínio, nosso foco é estudar a construção das narrativas e a metaficção, numa perspectiva Neobarroca que é o condimento literário nas duas obras. À vista disso, cabe também em nossa proposta um estudo do narrador pós-moderno; tendo como respaldo alguns apontamentos teóricos de nomes como Carlos Fuentes, trazendo à baila a discussão sobre o papel do leitor nos romances dos dois autores. A título de conclusão, delimitaremos as semelhanças e as diferenças nas duas narrativas, numa tentativa de contextualizar o romance brasileiro e o chileno diante do desvairismo pós-moderno e da desaparecimento neobarroca dos limites.

PALAVRAS-CHAVE: Romances pós-modernos. Metaficção. Neobarroco.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to create a comparative analysis over the novels *Os detetives selvagens*, by Roberto Bolaño and *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*, by Rubens Fonseca. Starting from the principle that the post-modern novels tend to the narration in first person, this analysis intend to make an approach of these two novels with regard to the language and the manner of produce the literature. By this way of view, our focus is to study the construction of the narratives and the metafiction, in a neobaroque perspective, which is the literary condiment in these two works. Therefore, it also fit in our proposal a study of the post-modern narrator, by having as an uphold some notations from theorists such as Carlos Fuentes and Severo Sarduy, bringing up afloat the role of the reader while reading the novels. In conclusion, we are going to delimit some similarities and differences between the works, in an attempt of contextualize the Brazilian and the Chilean novels before the post-modern frenzy and the neobaroque disappearance of the limits.

KEYWORDS: Post-modern novels. Metafiction. Neobarroque.

¹ Ezequias da Silva Santos é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – campus Pato Branco. E-mail: zekyjohnson@hotmail.com

1 | OS DETETIVES DE PAPEL E OS DETETIVES EM CARNE E OSSO

Partindo da premissa de que parte dos romances caracterizados como pós modernos apresentam a ideia do romance *escrivivel*, podemos levantar alguns apontamentos de ordem introdutória que irão respaldar nossa análise no que se refere à linguagem neobarroca e a participação do leitor nas obras *Os Detetives Selvagens* (1998), de Roberto Bolaño, e *E no Meio do Mundo Prostituto só Amores Guardei ao meu Charuto* (1997), de Rubens Fonseca.

A princípio, é pertinente observar que ambas as obras correlacionam-se pela faceta investigatória que exprimem. A ideia de aproximar os dois romances tem como base a concepção do romance policial nos moldes do pós modernismo, que irá retomar o conceito da personagem detetive apresentada por Edgar Allan Poe em alguns de seus contos no século XIX.

Tendo em vista que nossa proposta é a análise da linguagem (metaficcional), da aparição da personagem detetive e da relação do texto com o leitor, cremos ser adequado observar que os dois romances apresentam um modo de escrever que irá resvalar na ideia, exposta por Silviano Santiago (2002, p. 54), das narrativas a recomeçar.

Isto porque as personagens dos dois romances retomam os discursos de um passado remoto para construir novos discursos repletos de memórias que se dissolvem num terreno instável de “já dito” e nesse sentido, a narrativa nas duas obras exhibe certa polifonia de vozes que acarretam as mais diversas formas de apropriação da linguagem. Isso posto, os mais de cinquenta narradores de *Os Detetives Selvagens* distinguem-se pela diversidade cultural que apresentam e pelo modo como se apropriam da palavra, mostrando as diferentes facetas da linguagem e exibindo certa ideia de multiperspectivismo cultural.

Tendo em mente essa ideia da linguagem multifacetada, a teoria de severo Sarduy, no que diz respeito ao Neobarroco, é suporte significativo para afiançar nosso propósito sobre a intenção da linguagem nos romances de

Fonseca e Bolaño. Segundo Sarduy, o Neobarroco é a “Arte da dessacralização e da discussão” (Leite, 2016, p. 4).

Por essa linha de raciocínio, a ideia do teórico sobre a dessacralização apoia nossa reflexão em relação à *secularização* da linguagem. Respalado por esse pensamento, podemos iniciar nossa análise focando no narrador principal do romance de Bolaño. A personagem Garcia Madero, jovem poeta de dezessete anos, escreve seus relatos de forma bastante curiosa que, a nosso ver, converge com nossa ideia da dessacralização já exposta. Após receber a visita de alguns amigos, constata o narrador que:

Perguntei quem tinha lhes dado meu endereço. Ulisses e Arturo, disseram. [...]. Apareceram e tornaram a desaparecer, Xóchitl *disse*. Estão terminando uma

antologia [...], Barrios *disse* [...]. O que estão fazendo é juntar dinheiro [...], Requena *disse*. [...]. Não posso acreditar, eu *disse*, mas me lembrei que, da última vez que os vira, tinha de fato uma mochila cheia de Golden Acapulco. Me deram um pouco, Jacinto *disse*, [...]. Xóchitl me *disse* que eu não deveria puxar fumo no estado em que estava. *Disse-lhe* que não se preocupasse, [...]. Você é que não deve fumar, Jacinto *disse*, [...]. Xóchitl *disse* que a marijuana não causava nenhum dano ao feto. Não puxe fumo, Xóchitl, Requena *disse*. O que prejudica o feto são coisas ruins, Xóchitl *disse*, [...]. Por via das dúvidas não fume, Requena *disse*. Se ela quiser puxar um fuminho que puxe, Bárbara Petterson *disse*. Não se meta, sua gringa, Barrios *disse*. Quando você tiver parido, poderá fazer o que quiser, mas agora se segure, Requena *disse*. [...] Arturo e Ulisses não estão juntando grana, ela *disse* [...] (BOLAÑO, p. 120, grifos nossos).

À primeira vista, podemos dizer que o excesso de repetição do vocábulo *disse* tem como objetivo explicitar a mediação feita pelo narrador no meio dessa proliferação discursiva. Por essa linha de raciocínio, a ideia dos discursos que se misturam traz à mente do leitor a concepção de determinadas relações binárias, em que a pluralidade discursiva apresenta um caráter incerto com requintes de confuso.

Num segundo plano, apoiado na perspectiva da metaficção, é pertinente observar que a excessiva repetição do vocábulo *disse* apresenta um conceito de imaturidade discursiva. É pertinente observar que o narrador da primeira parte do romance é um dos jovens poetas que formam o quadro “Real-

Visceralista” dos metaforizados “mexicanos perdidos no México”.

Por essa linha de raciocínio, a repetição do vocábulo *disse* suporta, de forma adjacente, a noção de imaturidade do grupo real-visceralista. Para assegurar essa ideia, podemos observar que a vida de Garcia Madero sofre transformações, de forma que causa certa duplicidade que resulta, numa via, a história da vida do poeta e, noutra via, a jovem personagem metaforizada pela linguagem.

Nesse sentido, o imaturo poeta narrador anda pelas ruas do México como faria um real visceralista, “[...] de costas, olhando para um ponto, mas se afastando dele, em linha reta, rumo ao desconhecido” (BOLAÑO, p. 19). Por essa perspectiva, o jovem Garcia Madero é o mais alto representante dos

“mexicanos perdidos no México”, que vive “metido em ônibus e metrô, obrigado a percorrer a cidade de norte a sul pelo menos duas vezes ao dia” (BOLAÑO, p. 109) numa tentativa de encontrar-se como mexicano, e como poeta.

Para respaldar esse pensamento, Beatriz Resende (1982, p. 78) diz, sobre essa ideia de “passear pelas ruas”, que

Apesar da dureza com que o social é apresentado existe, porém, possibilidade de resgate da cidadania por uma forma de integração no espaço da cidade. A consciência adquirida coincide com uma percepção nova da cidade, [...] como se conhecer a diferença entre o destino desejado e o destino possível só acontecesse ao se descobrir a necessidade de ocupar o espaço público que é seu.

A essa busca dupla podemos teorizar, à guisa de explicação, da seguinte forma: a linguagem do romance de Bolaño se apresenta em dois planos: o da estória, o enredo da narrativa, e o da metaficção. Partindo desse ponto de vista, a pluralidade

de discursos dos narradores explora dois planos interpretativos que se relativizam e oferecem duas perspectivas: a personagem metaforizada pela linguagem, e a linguagem (enredo) puramente ficcional.

Mas isso é fazer amor com uma mulher? Não deveria simultaneamente ter lhe chupado o sexo para considerar que de fato fizemos amor? Para que um homem deixe de ser virgem deve introduzir o pau na vagina de uma mulher e não na sua boca, no seu cu, ou na sua axila? Para considerar que fiz de verdade amor devo previamente ejacular? Isso tudo é muito complicado (BOLAÑO, p. 38).

Sob a perspectiva dos dois planos interpretativos, é pertinente observar que o plano puramente ficcional é representado pela imaturidade do narrador no que concerne às questões de caráter sexual. À priori, a narração da personagem exprime suas próprias dúvidas no que tange a passagem da fase adolescente para a fase adulta, pondo em evidência o descobrimento do corpo e a incerteza sobre a realização do ato sexual criando um sentido metafórico sobre a incerteza da vida.

Sob a perspectiva da linguagem metaforizada, o mesmo excerto resgata a ideia da linguagem multifacetada. Ora, se o romance de Bolaño evidencia uma criação cuja significância jaz na possibilidade da dupla interpretação, é cabível observar que ao mesmo tempo em que passa pelo processo da maturidade sexual, o jovem narrador se constrói e se descobre como poeta e como apropriador da linguagem.

Seguindo essa linha de raciocínio, o mesmo processo de amadurecimento acontece com a personagem Gustavo Flávio no romance de

Fonseca. Homem atraente e com iminente atração a diversas mulheres, o escritor é rotulado como “tergiversador universal”, corroborando nossa ideia no que diz respeito à linguagem metafórica. Não obstante tal traço metalinguístico, a personagem Amanda fornece uma descrição do ex-marido que converge com a ideia da linguagem metafórica quando relata que “Tenho que admitir que mais magro – e também mais velho, e também menos moreno, com a idade ele ficou branco- Gustavo se tornou um homem mais atraente do que quando era jovem e gordo” (FONSECA, 1997, p. 15).

Tal-qualmente ocorre na narração de Garcia Madero, há um processo de amadurecimento da personagem Gustavo Flávio em duas vias. Na primeira, a personagem sofre uma transformação relacionada à mudança do corpo, puramente física e ficcional. Ora tendo em mente que o romance de Fonseca carrega fortes traços de metaficção, a personagem sofre, na segunda via, uma transformação como escritor. Embasado na ideia de que o aprimoramento de qualquer atividade vem relacionada à ideia de temporalidade, a personagem Gustavo é, tal como Garcia Madero, metaforizada pela linguagem, afinal ele, o escritor, torna-se atraente (maduro), branco (claro), com o passar do tempo.

Por essa linha de raciocínio, a linguagem destas duas obras apresenta sintomas da teoria neobarroca de Severo Sarduy no que se refere à ideia da linguagem e do travesti. Segundo o teórico,

Tanto o neobarroco, quanto o travesti, surgem para expor o jogo de máscaras da linguagem e do social. Enquanto o primeiro propõe desnudar a artificialidade das relações entre a “realidade exterior ao texto” e o texto propriamente dito (pré-conceito defendido pelo realismo) (Leite, p. 7).

Nesse sentido, a ideia do jogo de máscaras exposta pelo teórico se manifesta à medida que apresenta certa dualidade interpretativa. A relação da realidade exterior ao texto com o texto propriamente dito produz a desterritorialização da palavra, resultando numa polifonia de vozes que constroem discursos fragmentados com narrativas que reforçam a pluralidade significativa do discurso.

Vista pelo ângulo da metaficção, a linguagem metaforizada de Bolaño traz à tona uma ideia de eufemismo no que se refere ao emprego de alguns vocábulos que podemos chamar de *estratégicos*. Uma vez que o romance exhibe fortes traços da narrativa policial, há algo de magnífico e de inovador no que tange à construção dos discursos que é um dos pilares dessa estratégia narrativa.

Indo além do modelo do detetive criado por Edgar Allan Poe, de índole astuta e puramente ficcional, Roberto Bolaño e Rubens Fonseca concebem dois tipos de detetives que divergem do protótipo criado pelo escritor inglês. Isso posto, a inovação dessa concepção detetivesca está no fato de que há dois moldes de detetives que envolvem-se em seus romances: um puramente ficcional, de papel, e outro de carne e osso que é o leitor da obra.

Por essa linha de pensamento, os vocábulos estratégicos na narrativa de Bolaño se exprimem à medida que o enredo apresenta um caráter de duplicidade que instiga os detetives de papel na sua busca pela desaparecida Cesárea Tinajero, poeta fundadora do real visceralismo. Concomitantemente, o detetive em carne e osso é desafiado a decifrar uma linguagem multifacetada, astuta e cheia de armadilhas em que as palavras se desdobram formando sentidos múltiplos que atendem às necessidades de investigações dos detetives de papel e dos detetives em carne e osso:

- O que é asclepiadeu?

- Não faço a menor ideia - Bolaño disse.

- Vem de Asclepiades de Samos, que foi quem mais usou, mas Safo e Alceu também o empregaram. Há duas formas: o asclepiadeu menor tem doze sílabas distribuídas em dois cola (membros) eólicos, o primeiro formado por um espondeu, um dátilo e uma sílaba longa, o segundo por um dátilo e por uma diplodia trocaica cataléctica. O asclepiadeu maior é um verso de dezesseis sílabas pela inserção entre os dois cola eólicos de uma diplodia cataléctica *in syllabam*.

Começamos a sair do DF. Íamos a mais de cento e vinte por hora. O carro passou por avenidas escuras, bairros sem luz, ruas em que só haviam crianças e mulheres (BOLAÑO, p. 574) grifo do autor.

Sob a perspectiva da linguagem multifacetada, o excerto acima ilustra com clareza nosso juízo sobre o *desnudar* da linguagem. Isso posto, é pertinente observar que o mesmo excerto representa vários planos interpretativos pela pluralidade de vocábulos escolhidos pelo autor. Por essa linha de pensamento, observa-se que nesse ponto há uma algo de desafiador e um diálogo direto da obra com o leitor.

Partindo da premissa de que o leitor é também um detetive, nos parece claro a ideia de dispersão que a narrativa pretende causar no leitor. Nesse sentido, nota-se de forma iminente a oscilação na compreensão da leitura uma vez que as ideias expostas se referem à métrica e à linguagem poética em seu mais elítico emprego. Dessa forma, a compreensão do texto resvala em vocábulos desnorteadores que confundem a linearidade interpretativa da obra, explorando terminologias referentes a um alto grau de conhecimento literário que o leitor, provavelmente, não possui.

Não obstante essa *desnortear* do detetive em carne e osso, os detetives de papel perdem-se nas ruas da Cidade do México e o carro passa por “avenidas escuras” e “bairros sem luz” num enredo que acomoda, os detetives de papel, à mesma sensação de “descaminho” do leitor. O que é pertinente observar é que a construção da narrativa abre flancos para que haja a intervenção dos detetives ficcionais e do detetive leitor. E essa intervenção é possível graças ao caráter neobarroco da linguagem em que os vocábulos se mostram de forma provocativa, se oferecendo ao escritor para que se vistam e travistam, emitindo significados que excedem qualquer ideia de ordem singular ou simplória.

De igual modo, Rubens Fonseca apresenta a mesma linguagem neobarroca em seu romance. Seguindo o raciocínio da narrativa metaficcional, o narrador principal, o advogado criminalista Mandrake, expõe sua opinião sobre os casos de homicídios e traça paralelamente uma ideia que se sustenta firmemente pela ideia da *charada* e do *quebra-cabeça*.

Diz o narrador que

Casos de homicídio são sempre uma espécie de *charada*. Os clientes mentem para você, os policiais mentem para você, as testemunhas mentem para todo mundo. Comecei a montar o *quebra cabeça* sem dispor de todas as peças, com paciência, depois de ter ouvido atores e coadjuvantes deste enredo (FONSECA, p. 7, grifos meus).

Ora, visto que o enredo do romance consiste na investigação de um escritor de romances, parece ser certo afirmar que o segundo plano narrativo se apoia na ideia do romance *escrevível*. Por essa linha de raciocínio, a linguagem tipicamente modernista de Fonseca contará histórias não lineares de personagens moralmente despreocupadas, num plano múltiplo de interpretações em que terá, numa esfera, a solução do caso pela atitude detetivesca de Mandrake e, noutra esfera, o leitor como decifrador da linguagem de Fonseca.

Nesse sentido, a ideia dos relatos não lineares nos dois romances converge para a construção do cunho inconstante da narrativa. Apoiado nessa perspectiva de prostituição da linguagem, (metalinguagem) é pertinente observar que para Carlos Fuentes (2007, p. 23)

O romance latino-americano nos pede que expandamos essas linguagens, todas elas, libertando-as do costume, do esquecimento ou do silêncio, transformando-as em metáforas inclusivas, dinâmicas, que admitam todas as nossas formas verbais: impuras, barrocas, conflituosas sincréticas policulturais.

Sob essa perspectiva, as duas obras apresentam um processo de ruptura que se manifesta através da linguagem, abrindo espaço para as manifestações impuras desta em diferentes perspectivas. Por esse ângulo, a expansão da linguagem teorizada por Fuentes ganha cunho na medida em que a leitura das obras de Bolaño e Fonseca exhibe uma ideia de não-limite, do conflito, das formas verbais “conflituosas sincréticas policulturais”.

Isso posto, a expansão da linguagem de Fuentes faz coro ao princípio de Severo Sarduy no que tange ao travestimento já exposto. A justaposição destas duas ideias firma um terreno sólido para afiançar a ideia de rompimento exibida por Bolaño e Fonseca, trazendo à tona duas narrativas que endossam a *necessidade* da ruptura cultural (América/Europa) e da fragmentação pós moderna.

2 | A METÁFORA DOS ÓCULOS E O TRAVESTIMENTO DA LINGUAGEM

Ora, se os dois romances atendem às exigências da literatura caracterizada como pós-moderna, é pertinente constatar que o conceito metalinguístico que permeia a obra se apresenta de várias formas. Tendo em vista a dualidade interpretativa nos dois romances, parece ser pertinente observar dois trechos que trazem à tona que concerne com o propósito deste estudo.

No romance de Fonseca,

Como você pode ver, Mandrake, na verdade os óculos a tornam ainda mais atraente, muitas mulheres ficam bonitas de óculos, mas ninguém consegue convencê-las disso. Hollywood criou essa bobagem, a mocinha usa óculos e nunca é notada pelo galã até que um dia ela tira os óculos e o imbecil descobre maravilhado que ela é linda (FONSECA, 1997, p. 45)

No romance de Bolaño,

Vi passar meu velho Impala 74 [...] e o efeito que isso produziu em mim foi tal que ai sim é que desandei mesmo a tremer, agarrado com as duas mãos nas barras da grade para não cair, e não caí, evidentemente, mas meus óculos caíram, meus óculos escorregaram nariz abaixo até um matinho [...] pensei então que, se me agachasse para pegá-los o Impala teria desaparecido, mas que se não me agachasse não iria poder enxergar [...]. Pensei: até há pouco eu não sabia que usava óculos. Pensei: agora percebo as mudanças. E saber que agora sabia que precisava de óculos para enxergar fez de mim um medroso [...] (BOLAÑO, 2006, p. 394).

Nesse sentido, é pertinente constatar que há algo a ser decifrado no que podemos chamar de *metáfora dos óculos*. Observa-se que tanto a personagem Mandrake quanto o velho patriarca da família Font atribuem às lentes certo valor meritório que nos impele a procurar algo de significativo nos dois excertos. Por conseguinte, o conceito corriqueiro do usar óculos é metaforizado por ambos os autores para ilustrar a necessidade subjetiva de *enxergar*.

Isso posto, a personagem Joaquin Font faz coro à própria personagem Octávio Paz, de papel, e Octávio Paz em carne e osso, no que diz respeito à mensagem de *despertar*. Dessa forma, a linguagem do patriarca expressa de forma clara a ideia

de evasão em contraposição à ideia de consciência. Os óculos é a peça mediadora que, quando no rosto, oferece a consciência da necessidade de mudança, enquanto a ausência deste propõe uma abstração que converge com a ideia de fuga e alienação. Ainda por essa linha de raciocínio, a consciência da personagem ao perceber que precisava de óculos para enxergar retoma a noção da crítica social que resgata conceitos históricos e remonta o cenário mexicano entorpecente escrito por Octávio Paz em alguns de seus poemas.

A personagem Mandrake, por sua vez, aborda o conceito de *usar* óculos sob a perspectiva metaficcional que o romance de Fonseca apresenta. A necessidade de enxergar evidenciada pela personagem jaz no multiperspectivismo que permeia o mundo da linguagem. E Mandrake corrobora essa ideia quando diz à ex-mulher que almeja ser escritora: “Você não quer aprender a ver?” (FONSECA, 1997, p. 45).

Do ponto de vista metaficcional, a pergunta da personagem subsidia nossa reflexão sobre a escolha das palavras no mundo da linguagem. Por conseguinte, a metáfora dos óculos ampara o conceito de que o universo da linguagem é infinito, propondo, nesse sentido, um olhar atento do escritor (criador) e do leitor (decifrador) desse universo.

Isso posto, as duas obras aqui analisadas atendem aos moldes da teoria de Fuentes (2007, p. 171) sobre romances que criam leitores, que não se fecham sobre uma determinada ideia, mas levantam discussões que apresentam como resposta “[...] a oportunidade ainda mais prazerosa de imaginar como não termina o romance, e sim como se reinicia, se relaciona e correlaciona construindo insuspeitadas constelações de significado”.

Como arremate, visto que nossa proposta é trabalhar com a ideia do travestimento da linguagem, o jovem poeta Garcia Madero narra um fato que enriquece nossa análise e afiança o que já foi dito.

Num dos tantos acontecimentos da conturbada vida de Garcia Madero, o poeta conta sobre um álbum de fotos que olhou determinada vez. Diz o narrador que

As primeiras fotos eram do rapaz louro, vestido e, depois, paulatinamente com menos roupa. A partir da foto número quinze aparecia San Epifanio e a moça. [...] Lá pela foto número vinte o rapaz louro começava a se vestir com a roupa da irmã. [...] Como eu temia, as fotos seguintes mostravam o leitor de Brian Patten enrabando o adolescente louro. [...] E o rosto da irmã observadora passava por todas as fases gestuais possíveis, desde uma alegria brutal até a mais profunda melancolia (BOLAÑO, 2006, p. 62).

Este talvez seja um dos trechos mais herméticos desse romance. Há uma carga extremamente significativa em cada um dos vocábulos escolhidos por Bolaño para descrever a cena.

Ora, se nossa intuição a respeito da linguagem neobarroca aplicada nesse romance é verdadeira, é pertinente observar que há uma questão de travestimento explícito no excerto acima. O jovem louro começa aparecer nas fotos vestido com roupas masculinas e ao longo da sessão veste as roupas da irmã numa demonstrativa

de transformação total de gênero. Essa encenação criada por Bolaño evidencia um olhar que pressupõe a transformação do homem pela linguagem, afinal a descrição se dá pela linguagem transcrita por Garcia Madero ao leitor. Indo além, a personagem da irmã é a representação do leitor que segue as nuances da arte, num movimento pendular que expõe em extremidades a alegria brutal e a mais profunda melancolia.

Da mesma forma, a secretária de Mandrake no romance de Fonseca apresenta um cunho de travestimento, porém, ao contrário da opção visceral optada por Bolaño na descrição dos fatos, o narrador delimita a metáfora do travestimento apenas ao plano literário: “Minha secretária fez uma transcrição dessas gravações. Com base nessas cópias textuais preparei resumos, para diminuir o papelório”. (FONSECA, P. 7)

O que é pertinente observar nesses dois excertos é a afirmação do multiperspectivismo linguístico que se transforma e abarca diferentes significados à medida que as participações dos leitores decifram e agregam significados ao texto. Não obstante tal ideia, ainda é possível verificar, a título de conclusão, que o travestimento literário ocorre no momento em que a atribuição de sentido às palavras sofrem variações e se adequam a diferentes níveis linguísticos causando interpretações múltiplas. Por essa linha de pensamento, o travestimento do moço loiro e a transcrição das gravações da secretária de Mandrake são recriações e atribuições de valores a discursos que se repetem e confirmam a concepção dialética da linguagem.

À vista disso, a metáfora do óculos e metáfora do travesti constroem uma base sólida para a compreensão do mundo representado pela linguagem; um mundo onde as coisas são o que são pela força enunciativa das palavras que tempera, dá cor, dá vida e se prolifera devido ao caráter metamórfico que apresenta.

3 | DOS TÍTULOS

Uma vez que nossa análise se apoia na ideia neobarroca da linguagem multifacetada, podemos afirmar que as narrativas caracterizadas como pós modernas se desdobram “[...] criando uma linguagem viva e descentrada, capaz de dar conta dessa realidade fragmentária e artificial do mundo – uma ‘meta-metalinguagem’” (LEITE, 2016, p. 5).

Nesse sentido, parece ser relevante observar que os títulos dos dois romances são extremamente significativos no que se refere à ideia da linguagem mascarada. Por essa linha de raciocínio, podemos conjecturar que os detetives selvagens de Bolaño se aproximam, metaforicamente, do sentido mais puro da *selvageria*. Isso posto, os selvagens da obra do escritor chileno são, a nosso ver, reflexos da tibieza do caráter social sul americano, representado pelo México, frente ao progresso social e econômico norte americano. Ainda por esse ponto de vista, a relação *detetive/selvagem* exhibe a imagem primorosa do indivíduo rústico que ainda carrega traços marginais que o impelem ao progredimento pelo cunho de *detetive*, mas apresenta, paradoxalmente,

uma ideia de regressão pela terminologia do *selvagem*.

No que diz respeito ao romance de Fonseca, o emprego do *misse em abime* que retoma o poema de Álvares de Azevedo converge com a ideia da máscara das palavras. Levando além esse ponto de vista, o romance de Fonseca apresenta certa forma única de narrar que poderíamos associar com a ideia da *prostituição da linguagem*. Dessa forma, observamos que as palavras, na concepção de Fonseca, se apresentam como em vitrines, se oferecendo e seduzindo seus apropriadores. Nesse sentido, a ideia de prostituição se dá justamente pelo uso pretensioso da palavra. Pretensioso porque não há uma preocupação estética elitista, mas apresenta esta, a linguagem, como multifacetada, mutilada, exibindo-se de várias maneiras para que sua interpretação não seja puramente ficcional, mas também extratextual.

Sob essa perspectiva, o charuto que serve de inspiração para o escritor Mandrake parece ser, em nosso ponto de vista, uma metáfora para as palavras que servem como inspiração ao próprio Rubens Fonseca. Nesse sentido, o mundo prostituto do escritor autor é afirmado pela prostituição da linguagem que lhe confere, num movimento oposto ao significado pejorativo de prostituição, o poder de criação que se dá à medida em que as palavras são ordenadas, possuídas. Sob essa perspectiva, no meio do mundo da linguagem, dirá Fonseca que “só amores guardei ao meu charuto”.

Para afiançar esse raciocínio, Carlos Fuentes (2007, p. 31), afirma que “o romance proclama a universalidade do possível”. Isso posto, é pertinente pôr em evidência a diferença entre o mundo rico da linguagem de Fonseca, metaforizada pela prostituição, e o mundo rústico de Bolaño metaforizado pelos *selvagens*. Nesse sentido, a “universalidade do possível” se apresenta na medida em que a mesma linguagem revela um vasto mundo prostituto no romance de Fonseca e transparece, numa ideia de extremos, a insipiência que restringe o conhecimento, beirando à selvageria, no romance de Bolaño.

Dessa forma, “A linguagem produz um tipo de percepção ambivalente do mundo em que o referente está e, ao mesmo tempo, não está descrito” (LEITE, p.6). E caminhando para conclusão Echevarria (1982, p. 87) dirá que

El lenguaje es como las cosas en el mundo moderno, que fueron alguna vez significativas, pero habitan hoy una especie de rastro de la comunicación, donde proyectan a veces destellos accidentales; reflejos de un sol unánime, imparcial, sin tiempo, que indiferente las ilumina.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez postuladas as teorias de Severo Sarduy e Silviano Santiago no que tange à linguagem metaficcional, podemos constatar, a título de conclusão, que

A ficção pós-moderna problematiza esse modelo, [o da visão realista da representação], com o objetivo de questionar tanto a relação entre a história e a realidade quanto a relação entre a *realidade e a linguagem* (HUTCHEON, 1991, p.

Nesse sentido, as duas obras aqui analisadas são a representação desse modo de fazer literatura; é a arte dos extremos que expressa um jogo de interioridade e exterioridade construindo, dessa forma, uma relação subjetiva e metafórica entre realidade (exterioridade) e linguagem (interioridade) (GUERRERO, 2015).

Sob essa perspectiva, *Os Detetives Selvagens* e *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* são obras representativas do *saber* fragmentado de Sarduy (1979, p.178). Assim, parece ser claro que a definição do *saber* é determinada a partir do pressuposto do que é a realidade, num processo de redescobrimto que irá sempre questionar a história e a ciência apontando para a formação de um novo sujeito que desliza pelas várias formas da linguagem, denotado por Sarduy como a arte do equilibrista.

Não obstante tal ideia de fragmentação da realidade, os dois romances apresentam fortes traços da linguagem neobarroca que endossa a ideia do travestimento literário. Isso posto, a linguagem dos narradores nas duas obras explicita a subjetivação interpretativa, caracterizada pela dualidade da palavra que é, a nosso ver, a excelência do romance metaficcional.

Por essa linha de raciocínio, a linguagem neobarroca nos dois romances estabelece uma relação entre obra e leitor que nos permite resgatar a ideia dos detetives de papel e os detetives em carne e osso. Não fosse a concepção da linguagem sem fronteiras, neobarroca, a noção de detetives não-ficcionais seria rechaçada pela necessidade da verossimilhança e, para utilizar um termo de Sarduy, da não-fragmentação.

Para afiançar tal pensamento, Leite (2016, p. 7) afirma que

É dessa relação entre o neobarroco e o travesti que Sarduy acredita surgir um novo tipo de literatura, em que a linguagem emerge como um espaço da “ação de cifrar”, uma “superfície de transformações ilimitadas.

Isso posto, os detetives de papel e os detetives em carne e osso convivem e constroem significados simultâneos que relativizam a realidade (o saber) e fixam a ideia da fragmentação do mundo pós-moderno, seja pela iminente imprecisão em como viver no mundo, ou pela concepção de sentidos subjetivos que impelem o leitor a decifrar o universo da narrativa, tornando-o um detetive em carne e osso.

REFERÊNCIAS

BOLAÑO, Roberto. **Os detetives selvagens**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

ECHEVARRÍA, Roberto Gonzalez. El Primer Relato de Severo Sarduy. Revista Iberoamericana. v. XLVIII, n. 118-119, p.73-90, jan./jun. 1982.

FONSECA, Rubens. *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

FUENTES, Carlos. **A geografia do romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GUERRERO, Gustavo. **Severo Sarduy**: Teoría y práctica de una estética neobarroca. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=_McqVObCOAU&t=3921s

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: História, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEITE, Pedro Henrique. **Literatura cubana no exílio**: a narrativa neobarroca em Cobra (1972), de Severo Sarduy. Disponível em: http://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/HENRIQUELEITE_SP11-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf

RESENDE, Beatriz. Lima Barreto: A opção pela marginalia. In: SCHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 73-78.

SANTIAGO, Silvano. **Nas malhas da letra**: ensaios. Rocco, 2002.

SARDUY, Severo. O barroco e o neobarroco. In: MORENO, Cezar (Org.). **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.161-178

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-13-0

